



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

ANS(OC)IEDADE

Marcos Roberto Inhauser

Sistemicamente analisada, a sociedade brasileira vive momentos de ansiedade exacerbada. O entendimento da situação não pode ser feito à luz de um fato único, mas de uma plêiade de variáveis que levaram a sociedade a experimentar tal nível de comoção diante dos recentes fatos.

Há que recordar-se que a sociedade brasileira vem sendo bombardeada por uma sucessão de fatos que envolvem crianças abusadas ou mortas. Diariamente somos informados de abuso sexual de menores, de pedofilia até mesmo praticada por religiosos, de violência doméstica contra as crianças, etc. Nos últimos tempos, três casos chamaram a atenção por suas características: o do menino arrastado por quilômetros, o da menina torturada por sua mãe adotiva/algoz e agora o da garota asfixiada e jogada do sexto andar. Nos três há em comum a brutalidade das ações, certa exploração da mídia televisiva ávida por alavancar seus níveis de lbope e a pergunta: como alguém pode fazer tal coisa a uma criança?

O último traz um ingrediente a mais: o grau de mistério em relação aos autores. No que pese as evidências “técnicas” das perícias, há a negativa do pai e da madrasta. Aliado a isto, a figura desta última que, no simbólico coletivo do brasileiro, “se madrasta fosse boa, a palavra não começava com *má* e não sugeria *drástica*”.

Perceba que coloquei o termo “técnicas” entre aspas porque, depois de ter estudado Karl Popper, passei a ver com resistência as verdades ditas científicas. Segundo ela, e de uma forma bastante caricatural pela falta de espaço, a pesquisa dita científica sofre vieses, pois os pesquisadores tendem a só considerar os dados que reforçam ou comprovam a tese inicial, formulada antes do início das pesquisas.

Para mim, polícia, peritos e sociedade estão buscando dados que reforçam a tese inicial da culpa dos pais. Se no caso do menino arrastado e da torturada de Goiás se soube logo quem era o autor, neste a ansiedade social para se saber quem foi perdurará por bom tempo.

De minha parte estou aberto à possibilidade de que os indiciados sejam inocentes e que novas alternativas possam ser aventadas e investigadas, uma vez que, me parece, se concentrou em uma única hipótese. Prefiro um suposto culpado inocentado por falta de provas que um inocente culpabilizado por provas falsas ou mal construídas.